

FRIEDRICH NIETZSCHE

O ANTICRISTO

Maldição ao cristianismo

DITIRAMBOS DE DIONÍSIO

Tradução, notas e posfácio:

Paulo César de Souza



Copyright da tradução, notas e posfácio
© 2007 by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Der Antichrist. Fluch auf das Christentum [1888]

Dionysos-Dithyramben [1888]

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.

O Anticristo : maldição ao cristianismo : Ditirambos de
Dionísio / Friedrich Wilhelm Nietzsche ; tradução, notas e
posfácio Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia de Bolso, 2016.

Título original: Der Antichrist : Fluch auf das
Christentum [1888] : Dionysos-Dithyramben [1888].
ISBN 978-85-359-2817-4

1. Anticristo 2. Cristianismo — Filosofia 3. Cristianismo —
Literatura controversa 4. Dionísio (Divindade grega) 5. Filosofia
alemã 6. Poesia alemã I. Souza, Paulo César de. II Título.

16-07735

CDD-193

Índice para catálogo sistemático:

1. Nietzsche : Filosofia alemã 193

2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

O ANTICRISTO 7

Prólogo 9

Seções 1 a 62 10

Lei contra o cristianismo 80

DITIRAMBOS DE DIONÍSIO 81

Somente louco! Somente poeta! 83

O deserto cresce: aí daquele que abriga desertos... 91

Última vontade 101

Entre aves de rapina 103

O sinal de fogo 111

O sol se põe 113

O lamento de Ariadne 119

Fama e eternidade 127

Da pobreza do mais rico 135

Notas 142

Posfácio 153

Índice remissivo 159

Sobre o autor e o tradutor 165

O Anticristo

Maldição ao cristianismo

PRÓLOGO

Este livro é para pouquíssimos. E talvez eles ainda não existam. Seriam aqueles que compreendem meu Zaratustra: como *poderia eu* me confundir com aqueles para os quais há ouvidos agora? — Apenas o depois de amanhã é meu. Alguns nascem póstumos.

As condições para que alguém me entenda, e me entenda *por necessidade*, eu as conheço muito bem. Nas coisas do espírito é preciso ser honesto até a dureza, para apenas suportar a minha seriedade, a minha paixão. É preciso estar habituado a viver nos montes — a ver *abaixo* de si a deplorável tagarelice atual da política e do egoísmo de nações. É preciso haver se tornado indiferente, é preciso jamais perguntar se a verdade é útil, se ela vem a ser uma fatalidade para alguém... Uma predileção, própria da força, por perguntas para as quais ninguém hoje tem a coragem; a coragem para o *proibido*; a predestinação ao labirinto. Uma experiência de sete solidões. Novos ouvidos para nova música. Novos olhos para o mais distante. Uma nova consciência para verdades que até agora permaneceram mudas. *E* a vontade para a economia de grande estilo: manter junta sua força, seu *entusiasmo*... A reverência a si mesmo; o amor a si; a incondicional liberdade ante si mesmo...

Pois bem! Esses são os meus leitores, meus verdadeiros leitores, meus predestinados leitores: que importa o *resto*? — O resto é apenas a humanidade. — É preciso ser superior à humanidade pela força, pela *altura* da alma — pelo desprezo...

Friedrich Nietzsche

1. Olhemo-nos nos olhos. Nós somos hiperbóreos — sabemos muito bem como vivemos à parte. “Nem por terra nem por mar encontrarás o caminho até os hiperbóreos”: Píndaro já sabia isso de nós.¹ Além do norte, do gelo, da morte — *nossa* vida, *nossa* felicidade... Nós descobrimos a felicidade, sabemos o caminho, achamos a saída de milênios de labirinto. Quem *mais* a encontrou? — O homem moderno talvez? “Não sei para onde vou; sou todo aquele que não sabe para onde vai” — suspira o homem moderno... *Dessa* modernidade estávamos doentes — da paz viciada, do compromisso covarde, de todo o virtuoso desasseio do moderno Sim e Não. Essa tolerância e *largeur* [largueza] de coração, que tudo “perdoa”, porque tudo “compreende”, é *siroco* para nós.² Melhor viver no gelo do que entre virtudes modernas e outros ventos meridionais!... Fomos valentes o bastante, não poupamos a nós nem aos outros: mas havia muito não sabíamos *aonde ir* com nossa valentia. Tornamo-nos sombrios, chamaram-nos de fatalistas. *Nosso fatum* [fado, destino] — era a plenitude, a tensão, a contenção das forças. Éramos ávidos de relâmpagos e atos, ficávamos o mais longe possível da felicidade dos fracotes, da “resignação”... Um temporal estava em nosso ar, a natureza que somos escureceu — *pois não tínhamos caminho*. A fórmula de nossa felicidade: um Sim, um Não, uma linha reta, uma *meta*...

2. O que é bom? — Tudo o que eleva o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder no homem.

O que é mau? — Tudo o que vem da fraqueza.

O que é felicidade? — O sentimento de que o poder *cresce*, de que uma resistência é superada.

Não a satisfação, mas mais poder; sobretudo *não* a paz, mas

a guerra; *não* a virtude, mas a capacidade (virtude à maneira da Renascença, *virtù*, virtude isenta de moralina).³

Os fracos e malogrados devem perecer: primeiro princípio de *nosso* amor aos homens. E deve-se ajudá-los nisso.

O que é mais nocivo que qualquer vício? — A ativa compaixão por todos os malogrados e fracos — o cristianismo...

3. O problema que aqui coloco não é o que sucederá a humanidade na sequência dos seres (— o homem é um *final* —); mas sim que tipo de homem deve-se *cultivar*, deve-se *querer*, como de mais alto valor, mais digno de vida, mais certo de futuro.

Já houve, frequentemente, esse tipo de mais alto valor: mas como acaso feliz, como exceção, jamais como algo *querido*. Ele foi, isto sim, o mais temido, foi praticamente o temível até agora; — e a partir do temor foi querido, cultivado, *alcançado* o tipo oposto: o animal doméstico, o animal de rebanho, o animal doente homem — o cristão...

4. A humanidade *não* representa um desenvolvimento para melhor ou mais forte ou mais elevado, do modo como hoje se acredita. O “progresso” é apenas uma ideia moderna, ou seja, uma ideia errada. O europeu de hoje permanece, em seu valor, muito abaixo do europeu da Renascença; mais desenvolvimento *não* significa absolutamente, por alguma necessidade, elevação, aumento, fortalecimento.

Num outro sentido se acha um contínuo êxito de casos particulares, nos mais diversos lugares da Terra e nas mais diversas culturas, nos quais um *tipo mais elevado* realmente se manifesta: algo que, em relação à humanidade como um todo, é uma espécie de super-homem. Tais acasos felizes de grande êxito sempre foram possíveis e talvez sempre serão. E tribos, estirpes, povos inteiros podem, em algumas circunstâncias, representar um tal *acerto*.

5. Não se deve embelezar e ataviar o cristianismo: ele travou uma *guerra de morte* contra esse tipo *mais elevado* de ho-

mem, ele proscreveu todos os instintos fundamentais desse tipo, ele destilou desses instintos o mal, o homem mau — o ser forte como o tipicamente reprovável, o “réprobo”. O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, malgrado, transformou em ideal aquilo que *contraria* os instintos de conservação da vida forte; corrompeu a própria razão das naturezas mais fortes de espírito, ensinando-lhes a perceber como pecaminosos, como enganosos, como *tentações* os valores supremos do espírito. O exemplo mais lastimável — a corrupção de Pascal,⁴ que acreditava na corrupção de sua razão pelo pecado original, quando ela fora corrompida apenas por seu cristianismo! —

6. Um espetáculo doloroso, pavoroso, abriu-se à minha frente: eu afastei a cortina ante a *deterioração* do homem. Essa palavra, em minha boca, está livre de pelo menos uma suspeita: a de conter uma acusação moral do homem. Ela é — quero mais uma vez sublinhar — *isenta de moralina*: e isso ao ponto de eu perceber mais fortemente essa deterioração precisamente onde, até agora, as pessoas aspiraram do modo mais consciente à “virtude”, à “divindade”. Eu entendo a deterioração, já se nota, no sentido de *décadence*:⁵ meu argumento é que todos os valores que agora resumem o desiderato supremo da humanidade são *valores de décadence*.

Digo que um animal, uma espécie, um indivíduo está corrompido quando perde seus instintos, quando escolhe, *prefere* o que lhe é desvantajoso. Uma história dos “sentimentos superiores”, dos “ideais da humanidade” — e é possível que eu tenha de escrevê-la — também seria quase a explicação de *por que* o homem se acha tão corrompido.

A vida mesma é, para mim, instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de *poder*: onde falta a vontade de poder, há declínio. Meu argumento é que a todos os supremos valores da humanidade *falta* essa vontade — que valores de declínio, valores *niilistas* preponderam sob os nomes mais sagrados.

7. O cristianismo é chamado de religião da *compaixão*. — A compaixão se opõe aos afetos tônicos, que elevam a energia do sentimento de vida: ela tem efeito depressivo. O indivíduo perde força ao compadecer-se. A perda de força que o padecimento mesmo já acarreta à vida é aumentada e multiplicada pelo compadecer.⁶ O próprio padecer torna-se contagioso através do compadecer; em determinadas circunstâncias pode-se atingir com ele uma perda geral de vida e energia vital, numa proporção absurda com o *quantum* da causa (— o caso da morte do Nazareno). Essa é a primeira consideração; mas há outra mais importante. Se medirmos a compaixão pelo valor das reações que costuma despertar, seu caráter vitalmente perigoso surge numa luz ainda mais clara. Em termos bem gerais, a compaixão entrava a lei da evolução, que é a lei da *seleção*. Conserva o que está maduro para o desaparecimento, peleja a favor dos deserdados e condenados da vida, pela abundância dos malogrados de toda espécie que *mantém* vivos, dá à vida mesma um aspecto sombrio e questionável. Ousou-se chamar a compaixão uma virtude (— em toda moral *nobre* é considerada fraqueza —); foi-se mais longe, fez-se dela a virtude, o solo e origem de todas as virtudes — apenas, é verdade, e não se deve jamais esquecer, do ponto de vista de uma filosofia que era niilista, que inscreveu no seu emblema a *negação da vida*. Schopenhauer estava certo nisso: através da compaixão a vida é negada, tornada *digna de negação* — compaixão é a *prática* do niilismo. Repito: esse instinto depressivo e contagioso entrava os instintos que tendem à conservação e elevação do valor da vida: é um instrumento capital na intensificação da *décadence*, como *multiplicador* da miséria e como *conservador* de tudo que é miserável — a compaixão persuade ao *nada!*... Mas não se diz “nada”: diz-se “além”; ou “Deus”; ou “a *verdadeira* vida”; ou nirvana, salvação, bem-aventurança... Esta inocente retórica do âmbito da idiosincrasia moral-religiosa parece *muito menos inocente* quando se nota *qual* a tendência que aí veste o manto das palavras sublimes: a tendência *hostil à vida*. Schopenhauer era hostil à vida: *por isso* a compaixão tornou-se para ele uma virtude... Aristóteles, como

se sabe, viu na compaixão algo doentio e perigoso, que era bom atacar de vez em quando com um purgativo: ele entendeu a tragédia como purgativo.⁷ De fato, com base no instinto da vida se deveria buscar um remédio para esse doentio e perigoso acúmulo de compaixão que aparece no caso de Schopenhauer (e, infelizmente, de toda a nossa *décadence* artística e literária, de São Petersburgo a Paris, de Tolstói a Wagner): aplicando-lhe uma alfinetada, para que ele *estoure*... Nada é tão pouco sadio, em meio à nossa pouco sadia modernidade, como a compaixão cristã. Ser médico *nisso*, ser implacável *nisso*, *nisso* manejar o bisturi — eis algo que diz respeito a *nós*, é a *nossa* espécie de amor ao próximo, dessa maneira é que somos filósofos, nós, *hiperbóreos*! —

8. É necessário dizer *quem* consideramos nossa antítese — os teólogos e todos os que têm sangue de teólogo nas veias — toda a nossa filosofia... É preciso ter visto a fatalidade de perto, ou melhor, tê-la experimentado em si mesmo, ter quase sucumbido a ela, para não mais ver graça nenhuma nisso (— o livre-pensar de nossos naturalistas e fisiologistas é uma *graça* a meus olhos — falta-lhes a paixão nessas coisas, o *padecer* por elas —). Esse envenenamento vai muito mais longe do que se pensa: reencontrei o instinto de arrogância dos teólogos onde quer que hoje alguém se ache “idealista” — onde, em virtude de uma origem mais elevada, arrogue-se o direito de olhar para a realidade de modo alheio e superior... Exatamente como o sacerdote, o idealista tem na mão todos os grandes conceitos (— e não só na mão!), com benévolo desprezo ele os põe em jogo contra o “entendimento”, os “sentidos”, as “honras”, o “bem viver”, a “ciência”, ele vê tais coisas *abaixo* de si, como forças nocivas e sedutoras, sobre as quais “o espírito” paira em pura “para-si-mesmidade”.⁸ — como se humildade, castidade, pobreza — numa palavra: *santidade* — não tivessem até agora prejudicado mais indizivelmente a vida do que quaisquer horrores e vícios... O espírito puro é a pura mentira... Enquanto o sacerdote, esse negador, caluniador, envenenador *profissional* da vida, for

tido como uma espécie *mais elevada* de homem, não haverá resposta para a pergunta: que *é* verdade? Já se colocou a verdade de cabeça para baixo, quando o consciente advogado do nada e da negação é tido como representante da “verdade”...

9. A esse instinto de teólogo eu faço guerra: encontrei sua pista em toda parte. Quem possui sangue de teólogo no corpo, já tem ante todas as coisas uma atitude enviesada e desonesta. O *páthos* que daí se desenvolve chama a si mesmo de *fê*: cerrar os olhos a si mesmo de uma vez por todas, para não sofrer da visão da incurável falsidade. Dessa defeituosa ótica em relação às coisas a pessoa faz uma moral, uma virtude, uma santidade, vincula a *boa* consciência à *falsa* visão — exige que nenhuma *outra* ótica possa mais ter valor, após tornar sacrossanta a sua própria, usando as palavras “Deus”, “salvação”, “eternidade”. Desencavei o instinto de teólogo em toda parte: é a mais disseminada, a forma realmente *subterrânea* de falsidade que existe na Terra. O que um teólogo percebe como verdadeiro *tem* de ser falso: aí se tem quase que um critério da verdade. Seu mais fundo instinto de conservação proíbe que a realidade receba honras ou mesmo assuma a palavra em algum ponto. Até onde vai a influência do teólogo, o *julgamento de valor* está de cabeça para baixo, os conceitos de “verdadeiro” e “falso” estão necessariamente invertidos: o que é mais prejudicial à vida chama-se “verdadeiro”, o que a realça, eleva, afirma, justifica e faz triunfar chama-se “falso”... Se acontece de os teólogos, através da “consciência” dos príncipes (*ou* dos povos —), estenderem a mão para o *poder*, não duvidemos do que no fundo sempre se dá: a vontade de fim, a vontade *niilista* quer alcançar o poder...

10. Entre os alemães compreende-se de imediato, quando digo que a filosofia está corrompida pelo sangue dos teólogos. O pastor protestante é o avô da filosofia alemã, o protestantismo mesmo é o seu *peccatum originale*. Definição do protestantismo: a hemiplegia do cristianismo — e da razão... Basta falar a expressão “Seminário de Tübingen” para compreender o *que*

é a filosofia alemã no fundo — uma teologia *insidiosa*... Os suábios são os melhores mentirosos da Alemanha, eles mentem inocentemente... A que se deve o júbilo que o aparecimento de Kant provocou no mundo erudito¹⁰ alemão, três quartos do qual é composto de filhos de pastores e professores — e a convicção alemã, que ainda hoje ecoa, de que Kant deu início a uma virada para *melhor*? O instinto de teólogo do erudito alemão adivinhou *o que* se tornara novamente possível... Estava aberta uma trilha oculta para o velho ideal, o conceito de “mundo *verdadeiro*”, o conceito da moral como *essência* do mundo (— os dois erros mais malignos que existem!) eram novamente, graças a um sagaz e manhoso ceticismo, se não demonstráveis, não mais *refutáveis* pelo menos... A razão, o *direito* da razão não vai tão longe... Havia se feito da realidade uma “aparência”; um mundo inteiramente *inventado*, o do ser, fora tornado realidade... O sucesso de Kant é apenas um sucesso de teólogo: ele foi, como Lutero, como Leibniz, um freio a mais na retidão alemã, já não muito firme por si. —

11. Ainda uma palavra contra Kant como *moralista*. Uma virtude tem de ser *nossa* invenção, *nossa* defesa e necessidade personalíssima: em qualquer outro sentido é apenas um perigo. O que não é condição de nossa vida a *prejudica*: virtude oriunda apenas de um sentimento de respeito ao conceito de “virtude”, como queria Kant, é prejudicial. A “virtude”, o “dever”, o “bom em si”, o bom com o caráter da impessoalidade e validade geral — fantasias nas quais se exprime o declínio, o esgotamento final da vida, o chinesismo königsberguiano.¹¹ As mais profundas leis da conservação e do crescimento exigem o oposto: que cada qual invente *sua* virtude, *seu* imperativo categórico. Um povo perece, quando confunde *seu* dever com o conceito de dever em geral. Nada arruína mais profundamente, mais intimamente do que todo dever “impessoal”, todo sacrifício ante o Moloch da abstração.¹² — Que não se tenha percebido o imperativo categórico de Kant como *perigoso para a vida*!... Apenas o instinto dos teólogos o tomou em proteção! — Uma ação imposta pelo